

Como é possível ativar um lugar?

Em uma sala vazia, sem móveis, reúna sua turma. A pergunta é: como você pode ocupar esse espaço? O jogo começa com uma pessoa tentando responder à questão utilizando seu próprio corpo. Em seguida, passam a ser duas, depois quatro, oito, dezesseis, trinta e duas, até que seja preciso chamar outro grupo para participar da ocupação.

De quais maneiras seu corpo pode ficar? É possível espalhar-se? Pular? Correr? Deitar? Dançar? Encolher-se? Fazer sons?

O grupo pode escolher uma ou duas pessoas para registrar essa ação. Vale fotografar, filmar, desenhar, gravar os sons, escrever.

E quais são os outros espaços cotidianos que seu corpo ocupa? Como ele os ocupa?

Instalação sonora. Quando você se sente parte de um grupo? O que acontece quando uma história pessoal se torna coletiva? A proposta é fazer uma pergunta simples que envolva assuntos pessoais, como: “o que acontece só em sua casa?” ou “qual é o seu sonho?”. Cada um redige uma frase curta para responder à questão. Em seguida, as respostas são embaralhadas e sorteadas entre todos. Com os papéis nas mãos, os participantes começam a andar pela sala, cruzando olhares com os colegas. Repetem de forma sussurrada e contínua os textos.

O modo como as frases estão sendo ditas (altura, tonalidade, intenção da voz) interfere em seus sentidos?

Trama de nós. Junte todo o grupo no centro da sala ou em um espaço aberto e plano da escola. Sorteie três pessoas e entregue a cada uma delas um novelo de lã de cores diferentes. Elas escolherão, juntas, outros três colegas e amarrarão neles e em si os fios de lã: pode ser no braço, na perna, em um dedo. A partir daí, as seis pessoas vão passando o novelo para as outras, que vão se enroscando no fio e assim sucessivamente, até que uma grande trama de tecido tenha se formado, juntando todos em uma teia. É hora do deslocamento. Todos juntos. Quem começa? Para que lado vamos? Como vamos nos equilibrar? Qual será nosso trajeto? Até onde podemos ir assim?

Desenho resposta. Escolha com sua turma uma notícia de jornal que interesse a todos. Em seguida, realizem em grupos um desenho para responder ou comentar essa mesma matéria. O que acham sobre esse assunto? Concordam? Há outro ponto de vista que não foi explicitado pela notícia? Como um desenho pode responder a um texto?

Terminado o trabalho nos grupos, compare os desenhos que surgiram. Eles expressam as mesmas opiniões? O que foi ressaltado por um grupo e não foi por outro? Como são os desenhos?

O que deixamos quando ocupamos um lugar? Algo de nós sempre permanece nos espaços que habitamos. Pensando no espaço da sua classe, leve um objeto para dar à sala de aula. Pode ser algo que você sinta falta no dia a dia escolar, que acredite que seus colegas vão gostar, que considere importante ou simplesmente bonito. Às vezes, temos coisas em nossa casa que poderiam ser mais bem aproveitadas se levadas a outros lugares. Lembre-se de que é algo que ficará na escola. Junte todos os objetos trazidos pela turma em uma mesa. Cada aluno poderá escolher um deles e defender uma função e um local para colocá-lo. Não haverá um dono específico para cada item: os “presentes” serão de toda a turma. Tente observar com atenção o espaço da sala de aula na hora de descobrir a melhor maneira de receber os novos objetos.

O que somos todos juntos? Em grupo, tente imaginar o que “todos somos agora”. Discuta com seus amigos uma palavra que queiram apresentar – entretanto, ela não precisa ser algo real nem dar conta das características de todo o grupo. Pode ser um exagero para ressaltar algo que vocês queiram colocar em questão: um adjetivo, um estado de espírito, uma cor, uma comida, uma sensação, um animal, um objeto etc. Vocês podem experimentar ser o que quiserem, inventando e compartilhando formas de abordagem. Depois de realizada a escolha, cada um poderá criar um cartaz inspirado na palavra definida. Vale usar colagens, carimbos, pincéis ou o que preferirem para “desenhar” as letras. Pense com a turma uma maneira de manifestar as frases criadas. O que você tem para compartilhar quando está em grupo?

Centro-periferia. Num mapa da cidade, cada participante assinala onde está o lugar que corresponde ao centro da sua vida. Da mesma forma, assinala onde se localiza o que seria a sua periferia. Cada um recorta o seu centro e a sua periferia e, juntos, todos constroem um novo mapa. No fim, é possível observar se apareceram novos centros, quantos existem e se correspondem ao que geralmente se considera centro. E a periferia? Ainda permanece à margem?

Venha mais um. Os participantes formam um grande círculo. Dois se colocam no centro e procuram apoiar-se um no outro, encontrando um equilíbrio. Chega um terceiro participante que desestabiliza o conjunto. Juntos, devem encontrar um novo ponto de apoio. Os demais integrantes do círculo juntam-se pouco a pouco. O desafio é perceber como desestabilizar faz parte do processo de encontrar novas possibilidades de equilíbrio.

Já teve a impressão de que um objeto falava com você? O pão mordido no prato diz que alguém saiu apressado, uma corda estourada na guitarra diz que houve rock pesado, um castelinho tombado na areia diz que crianças brincaram ali.

Quando você estiver em um espaço desconhecido, repare em tudo que está à sua volta, quais os objetos presentes e como eles estão posicionados. Como um detetive, descubra quantas pessoas frequentam esse lugar, que tipo de relações elas têm entre si e com seus objetos, quais são suas afinidades, que atividades ocorreram. Registre tudo com palavras ou desenhos. Essa atividade pode ser feita em uma sala de aula na hora do intervalo.

Caminhada silenciosa. Para não trombarmos com outras pessoas nas ruas, precisamos estar atentos a seus movimentos – às vezes dar um passo para o lado e continuar o fluxo, sem falar nada.

Junte toda a turma em um canto da sala, de forma que todos fiquem bem apertados. Ao toque de um apito, dado por um aluno, todos ao mesmo tempo dão um passo, cada um na direção que escolher: para a frente, para o lado ou para trás. A cada vez que o apito soar, um novo passo. O som do apito deve continuar até que os participantes consigam se espalhar por toda a sala igualmente. É muito importante que todos fiquem em silêncio e não indiquem por meio de gestos a direção que vão tomar. O exercício pode ficar ainda mais interessante com obstáculos no meio da sala, como mesas e cadeiras.

Não existe espaço vazio. Para refletir sobre essa afirmação, que tal usar o corpo? A proposta é fazer um cabo de guerra. Entretanto, não será usada uma corda forte, mas um frágil barbante. Reúna um grupo de pessoas e as separe em dois times. Cada um precisa puxar o fio para que o rival avance em seu território, e o cabo não pode se romper!

Quanta força as equipes podem usar? Qual é o movimento dos corpos permitido pelo jogo? Que imagem é produzida por essa cena? Como negociar para que o cabo não se rompa? O que acontece se alguém decidir não seguir as regras e romper o cabo? Há alguma maneira de vencer o jogo?

Conjuntos vazios. Repare em uma forma qualquer. As formas preenchem o espaço e, ao mesmo tempo, deixam um vazio. Parece haver um conflito entre o que é cheio e o que é rarefeito. Para alguns artistas, esses vazios fazem parte da escultura.

Vamos experimentar criar vazios com o corpo? Individualmente, como aquecimento, cada um cria vazios com o próprio corpo. Pode ser um círculo, um triângulo, um retângulo ou qualquer outra forma. Depois, em grupos, apoiando-se uns nos outros, os alunos podem criar vazios maiores e diferentes. Um outro grupo pode registrar a experiência desenhando a escultura coletiva. Como fazer para que todos os corpos trabalhem juntos na construção de uma única escultura? Todas as formas criadas podem ser unidas? São compatíveis?

Identidade vestida. O nosso modo de vestir pode, de algum modo, refletir nossa identidade individual e/ou coletiva. Certos acessórios ou roupas são usados por grupos específicos que têm, por exemplo, o mesmo gosto musical ou as mesmas atitudes. Mas até que ponto essas escolhas são mesmo nossas? Se o nosso guarda-roupa pode nos identificar com um grupo, como as diferentes modas interferem na construção dessa nossa “personalidade externa”? Que tal promover um debate entre o seu grupo de amigos para pensar o que suas roupas dizem sobre vocês? O que você nunca usaria e por quê? Com qual grupo você não quer ser identificado? É possível pensar em uma roupa que agradaria pessoas com atitudes diferentes? Se você pudesse fazer suas próprias roupas, como elas seriam? Após o debate, pode acontecer uma sessão de desenho para que vocês coloquem suas ideias no papel.

Quantas ideias podem existir em uma mensagem? Com sua turma, escolha um assunto que interesse a todos: pode ser algo do cotidiano, uma notícia que deu o que falar, um tema presente na escola, uma nova moda etc. Em duplas, em um papel ou mesmo na lousa, uma pessoa é encarregada de usar elementos do desenho para dizer o que pretende, enquanto a outra pode continuar, ou apenas apagar, esses desenhos já criados para dar uma resposta à mensagem inicial. A ideia é estabelecer uma conversa, um diálogo, opor opiniões e analisar o que uma imagem diz e o que pode dizer com algumas mudanças. É possível chegar a um desenho final?

Uns e outros. Quem é o professor fora do espaço da sala de aula?

Quem somos nós para além desse momento que compartilhamos dentro da escola?

Divididos em grupos, os alunos vão estabelecer cinco perguntas para serem respondidas por todos – alunos e professores. Por exemplo: o que você faz aos sábados às 15h? Qual é a primeira coisa que você vê quando acorda? O que você estaria fazendo se não estivesse aqui?

Vale a pena registrar as respostas, a fim de criar conjuntos de ações. Pessoas que fazem coisas parecidas podem pensar diferente?

Flash mob. A sala escolhe um personagem que deve ser assumido por todos. Em um dia marcado, todos trazem o material necessário para fazer o disfarce. A turma sai em conjunto da sala de aula e, com todos disfarçados, faz um percurso dentro da escola.

Dia após dia, repete-se a experiência, mas cada vez com menos elementos. Por exemplo, no último dia todos levam apenas uma meia vermelha ou um curativo no nariz. Após o passeio, vale a pena conversar sobre a experiência. Foi divertido ou difícil? Foi mais fácil por estarem todos juntos? Qual foi a reação das pessoas? Como foi se sentir observado?

Flash mob: aglomerações de pessoas em espaços públicos para realizar ações instantâneas e inusitadas, em geral previamente combinadas por meio de redes sociais da internet.

Qual é o poder de uma palavra? Nossos desejos são sempre apresentados por nossas respostas? Quando respondemos “sim” para uma coisa, estamos dizendo “não” para outras. O “não” pode ser usado para estabelecer um limite, mas, às vezes, pode ser dito apenas por educação, timidez ou medo. Em algumas situações, como em um plebiscito, somos obrigados a escolher apenas entre “sim” e “não”. Para realizar essa proposta, escreva “sim” em um papel e “não” no verso da folha. Combine um intervalo das aulas em que todos devem usar uma dessas folhas colada na camiseta. A ideia é usá-la para fazer as atividades comuns desse momento, como comer, brincar, ir ao banheiro e conversar. Vocês podem escolher que lado da folha usar e também trocar quantas vezes quiserem. As brincadeiras e as conversas mudaram? Como foi mudar do “sim” para o “não” e vice-versa?

Qual é o seu lugar na escola? Você já imaginou como são definidas as fronteiras dos mapas? Quem decide onde começa e onde termina um território? Na quadra de educação física, a classe deve ser dividida em dois grupos. Com fita crepe ou giz, cada um do primeiro grupo deve desenhar um espaço para si no chão. Pode ser uma forma geométrica ou um desenho livre. As áreas escolhidas não podem coincidir entre os colegas. Depois, a outra metade da classe também deve escolher um espaço para si e registrá-lo no chão. Se todos devem ter seu território, como negociar? Estabeleça com o grupo maneiras de trocar espaços e de conversar sobre os conflitos surgidos. Observem de longe como a quadra ficou com as novas divisões. Ainda existe um meio de campo?

Terceira pessoa. Será que é possível existir alguém que é, ao mesmo tempo, igual a você e igual a alguém que é diferente de você? Vamos fazer uma experiência. Forme dupla com uma pessoa (de preferência alguém que você conhece pouco), pegue uma folha e escreva algo sobre si no topo. Dobre esse pedaço escrito para trás, deixando à vista somente uma última frase incompleta, por exemplo, “na casa da minha tia eu me sinto...” ou “sábado à tarde eu gosto...”. Passe o papel para a outra pessoa, que terminará a frase e repetirá o que você fez. Troquem o papel entre si até que ele esteja completamente dobrado. Desdobre-o e veja o personagem que resultou da fusão de vocês dois. Você e seu colega se identificam com ele?

No meio do caminho tinha uma pedra. Pois bem, você tem a opção de fazer dela um muro ou uma ponte. A pedra pode ferir se estiver na ponta de uma lança ou proteger se estiver como amuleto perto do peito.

Em suas andanças pelo bairro ou pelo mundo, guarde pedras que estiverem no meio de seu caminho. Imagine por onde a pedra passou, se ela já foi monte, ponte ou prédio. Ela pode ter sido parte de algo maior que se quebrou. E por que as coisas se quebram? Por que prédios caem e montanhas são desfeitas?

Em sua estante, guarde a pedra com sua história imaginada, ou faça algo com ela: o que ela pode ser agora que está com você? Como fazer para que ela seja um registro do passado e, ao mesmo tempo, uma possibilidade para o futuro?

Um objeto pode ser algo que ele não é. Escolha um objeto e imagine como ele poderia ser outro, ter outra função ou não ter função alguma, fazer algo totalmente diferente e até servir para algo além da imaginação. Você pode modificá-lo utilizando outros materiais e algumas ferramentas. Também pode usá-lo para montar algo maior, empilhando-o, juntando-o com outras coisas, pensando em formas variadas. É possível, ainda, simplesmente imaginar essas novas formas, funções e possibilidades e desenhar tudo o que pensou. Esse desenho pode se parecer com um projeto, pode ter algumas imagens e palavras que demonstrem todo o processo de transformação.

Costura cósmica. Com quantos pontos se faz um gesto? Uma linha é a ligação entre dois pontos. Você já pensou em como as linhas se comportam se forem traçadas entre pontos próximos ou muito distantes? Numa folha de papel, em dupla, um dos alunos marca alguns pontos aleatoriamente no espaço. O outro vai ligar os pontos de modo a criar uma forma com giz de cera, lápis de cor ou canetinha, imprimindo a gestualidade no papel. O que aconteceu entre a ideia de quem delimitou os pontos e de quem realizou o traço?

Cor aromática. As cores têm cheiro? E os cheiros podem ser traduzidos em cores? Vamos experimentar. Pense em um cheiro, resgate da memória um aroma que traga lembranças. Qual o cheiro de uma risada? De roupa nova? Escreva o nome desse cheiro no centro de uma folha de sulfite branca. Agora, imagine que cor ele teria. Pinte com tinta dessa cor o verso da folha. Se ela não existir pronta, faça misturas para obtê-la. Que tal pendurar um varal de barbante na sala e agrupar as folhas pelas cores? Existe relação entre cheiros e cores?

Imaginando o desconhecido. Pense em algo que você não sabe como funciona ou como foi criado, como um aparelho de fax ou um vulcão. Em seguida, imagine livremente como poderia ser o funcionamento dessa coisa ou como poderia ter sido seu processo de descoberta ou invenção. Por meio de poucas palavras e desenhos, registre como imaginou esse funcionamento ou descoberta. A imagem e o texto podem trabalhar juntos para criar novos significados para aquilo que faz parte de nossa vida, mas que não conhecemos a fundo. Compartilhe suas ideias com outras pessoas, converse, publique nas redes sociais. Será que ao pensar no que não se conhece é possível ter novas ideias sobre aquilo que já é conhecido e familiar?

Como o corpo imagina o que você quer? Os sonhos podem tornar-se aparentes por meio de nossos movimentos?

Em um espaço livre, todos devem fechar os olhos e fazer um gesto ou movimento pensando nas vontades que têm nesse momento. Sem usar palavras, imagine como expressar seu desejo. Um aluno será o “maestro”. A partir das ações dos colegas, ele poderá arranjar todos esses corpos em uma grande composição, mudando a posição de cada um no espaço e criando novas combinações entre os movimentos. Quando terminar, o maestro também poderá registrar o conjunto das ações com a câmera de um celular.

Sem nome. Antes mesmo de nascermos, nossos pais já tinham pensado em como nos chamariam. Depois, registraram o nome em nossa certidão de nascimento. Com alguns amigos, parentes ou entre namorados, deixamos esse nome de lado e inventamos apelidos carinhosos e às vezes até engraçados. Como seria viver um dia sem chamar as pessoas como estamos acostumados? Tente passar um dia de aula tentando se comunicar com seus colegas de classe sem falar os seus nomes ou apelidos. Vale usar outras palavras durante uma conversa e até tocar quando a pessoa não estiver olhando. Tente viver essa experiência inventando novas formas de interação.

Onde estão os seres ocultos? Você já ficou olhando muito tempo para um lugar e começou a ver figuras? O que você enxerga que os outros não conseguem ver?

Olhe à sua volta. Procure no espaço da sala e nos espaços públicos da escola imagens que possam ser inventadas partindo dos elementos que existem na arquitetura. Para evidenciar os seres ocultos, você deverá usar apenas formas geométricas. Você pode recortar essas formas em papel adesivo. Por exemplo: uma simples tomada pode se transformar num porquinho, basta colocar dois círculos e rapidamente a tomada se transforma em um focinho.

E aí? Qual a reação das pessoas que não sabem o que você imaginou?

O que tem de cachorro na palavra cachorro? Para esta proposta você precisa considerar que as letras são desenhos.

Primeiro, escolha uma palavra. Você pode utilizar palavras recortadas de um jornal, escrever no computador ou a lápis. Em seguida, observe com muita atenção a forma dessa palavra. O que existe de prédio na palavra prédio? Como que você pode desenhar um prédio usando as letras da palavra prédio? Como desenhar uma ponte com as letras da palavra ponte? Que tal fazer um desenho com várias palavras?

Outras notícias. Imagine se um dia você abrisse o jornal e se deparasse com a notícia de que as indústrias de armas do mundo todo passaram a produzir instrumentos musicais, ou que os rios das grandes cidades foram despoluídos, possibilitando às pessoas chegar ao trabalho de caiaque ou pedalinho. Escolha um acontecimento da sua cidade, país ou do mundo e colete imagens relacionadas a ele na internet. Use-as para narrar a história como se ela tivesse se desenrolado de forma diferente da realidade. Crie um site de notícias inventadas com base na seguinte pergunta: “como poderia ter sido se...?”. Aproveite esse momento para dar vida aos seus desejos de um mundo diferente. A proposta também pode ser feita com imagens e textos impressos em papel, como um jornal.

Faroeste no Havai? Alguma vez você já experimentou assistir a um filme em uma língua que você não conhece, sem legendas? As imagens comunicam algo por si, e, além delas, a imaginação nos dá liberdade para pensar em outros contextos possíveis. Você pode fazer uma ficção científica se passar no Egito antigo, ou um grupo de bandoleiros mexicanos se aventurar nos confins da Palestina. Escolha em grupo uma cena de um filme. Produza e sorteie fichas com indicações de tempos e espaços diferentes. Por exemplo: “Paris, 1910”, “Júpiter, 2213”, “casa da minha avó, ontem”. Passe uma cena do filme escolhido na televisão ou no computador, abaixe o volume completamente e duble os personagens, transferindo a cena para esse novo tempo e espaço. As cenas podem ser escolhidas em sites de vídeos, e o registro pode ser feito por qualquer câmera digital.

O duplo diferente. A sombra de um objeto é sempre igual a seu contorno? Como é possível transformar os desenhos das coisas? É possível alterar a imagem de um objeto por meio da luz ou da falta dela? Em grupo, escolha alguns objetos. Pegue algumas lanternas, velas, aquele antigo retroprojeto e vá para uma sala escura. Com esses materiais em mãos, comece a experimentar: coloque os objetos em frente às diferentes fontes de luz e os disponha em posições variadas. Quais são as imagens criadas? É possível transformar as formas já conhecidas? E se você colocar dois objetos diferentes juntos?

Pense em alguma maneira de registrar essas experimentações. Você pode fotografar ou colocar um grande papel sobre a parede ou chão e registrar as sombras com tinta guache, por exemplo.

Abrigos temporários. Você já viu alguma construção temporária na cidade? Já percebeu que existem soluções criativas? Imagine que você precise ficar em um lugar aberto e se abrigar para descansar, se proteger do sol, da chuva, do frio. Se essa situação fosse urgente, como você resolveria? Construa um abrigo temporário com os materiais disponíveis: papéis, jornais, carteiras, caixas, lixeiras, grandes sacos de lixo limpos. Entre nele. Como é habitar esse espaço? E se você pudesse usar materiais melhores e mais resistentes, o que faria de diferente?

O que há de feminino e de masculino? O que define o que é próprio da mulher e o que é do homem? A biologia? As normas sociais? Nossa cultura e tradição? Que tal fazer uma investigação sonora? Separe sua turma em grupos. Cada um deles será responsável por gravar os sons que acreditam que sejam próprios de uma mulher ou de um homem. Não apenas vozes, mas músicas, sons que aparecem nas ruas, comentários das pessoas, programas de televisão, sons da casa. Ao fim do dia, reúna todo material coletado e compare com o dos outros grupos: as categorias masculino/feminino são mesmo tão distantes? Há sons comuns para os dois gêneros? Todos concordam com as definições de feminino e masculino feitas por meio dos sons?

Como modificar o tipo de comunicação e relações em um espaço?

Será que por meio de ações contínuas podemos alterar como nos comunicamos com as pessoas ou mesmo com quem nos relacionamos em um lugar específico? Que tal provocar algumas mudanças no intervalo entre as aulas?

Com um grupo de amigos, combine algumas ações que podem ocorrer durante o recreio, no pátio da escola ou outro local em que seus colegas costumem passar esse tempo. O objetivo é transformar esse espaço e promover experiências diferentes, conversar com pessoas que você nunca falou e descobrir novos aspectos dos grupos de alunos. Vocês podem organizar um piquenique ou um lanche coletivo em um dia; em outro, uma declamação de poesias ou um caraoquê. Na semana seguinte, é possível comemorar um aniversário, fazer uma roda de dança ou, simplesmente, ouvir música. Como você gostaria de transformar esse momento? O que é preciso para que isso aconteça?

Como o tempo nos transforma?

Para esta proposta você só precisa que o tempo passe e de uma câmara fotográfica!

Escolha um elemento que se transforme no decorrer do tempo e o fotografe várias vezes ao longo do dia ou por vários dias seguidos. A fotografia deve registrar as mudanças que acontecem nessa forma. Pode ser um cubo de gelo derretendo, uma flor abrindo, uma maçã apodrecendo. Que tal registrar a sua unha crescendo? Olhe em volta. Onde é possível enxergar as transformações do tempo nas coisas?

Além das fotografias, você pode medir o tamanho, marcar no calendário ou fazer uma tabela, guardar os cabelos que caíram, juntar as folhas do quintal, entre outras formas de perceber a passagem do tempo.

Tudo junto e misturado. Cada participante precisa trazer uma fotografia sua e de seus familiares mais próximos. Para esta proposta, é importante que as fotos tenham tamanhos iguais.

Recorte as fotografias (ou cópias delas) em faixas verticais. Em seguida comece a formar um quebra-cabeça, misturando os rostos de todo mundo. Quem se transforma em quem?

Paisagem e retrato. Todos os dias olhamos para a lousa cheia de palavras e números. A superfície é a mesma, mas o conteúdo está sempre mudando. Por meio da lousa, podemos representar e aprender uma infinidade de informações. E o que colocamos de nós mesmos nesse espaço da classe? Que tal transformarmos a lousa em uma grande paisagem? Nesta proposta, será possível trazer ou construir imagens pessoais para ocupar a lousa. Quais elementos povoam nossos sonhos, memórias e afetos? Pensando o espaço como uma paisagem, o grupo poderá escolher os materiais, as cores e os tamanhos que preferir. Vale usar fotografias, jornais, desenhos em giz e até imagens feitas no computador para produzir esse painel coletivo: misturem à vontade para imaginar um universo próprio.

Troca de detalhes. Você tem um acessório que gosta muito de usar? Já reparou no colar ou no boné de um ou de uma colega que combine bastante com essa pessoa? Que tal realizar trocas entre seus colegas? Pode ser um relógio, um cinto, uma tiara, um anel, um fone de ouvido, uma pulseira, qualquer coisa que vocês estiverem usando nesse dia. Será que o relógio do outro altera a percepção da passagem do tempo? Um colar diferente pode parecer pesado? Como nos parecemos com o outro ao usarmos suas coisas? Escolha um de seus acessórios para deixar com um amigo e coloque em você algo emprestado. As trocas realizadas durante a aula também podem ser feitas entre garotas e garotos. No fim do dia, devolvam os acessórios.

Os olhos dos outros. Às vezes, para renovar o nosso olhar sobre o mundo é necessário tomar emprestado os olhos dos outros. Colocar-se no lugar de outra pessoa pode ser um exercício de autoconhecimento.

Escolha um personagem ao acordar (por exemplo, um monge tibetano, um bandido romeno, a avó do presidente dos EUA) e passe o dia todo pensando o que esse personagem faria no seu lugar: o que ele comeria no café da manhã, que tipo de calçados usaria, como reagiria ao encontrar a pessoa amada, em que lugar da cidade pararia para contemplar a paisagem, quanto tempo passaria organizando suas coisas ou se vendo no espelho. No fim do dia, registre tudo o que você aprendeu com o seu personagem. Você se transformou com o olhar dele?

O assunto se transforma quando mudamos o jeito de falar? Escolha um acontecimento histórico e experimentalmente reapresentá-lo de formas diferentes: faça desse acontecimento um poema, um conto, uma história em quadrinhos, uma encenação, uma letra de música ou uma pintura, enfim, reapresente-o de uma nova forma. Atenção: essa pista não propõe que você faça uma ilustração do acontecimento, mas uma reapresentação, ou seja, a adaptação da história para uma nova linguagem. A mudança de linguagem pode ressaltar detalhes que antes não víamos ou trazer novas interpretações sobre o que já conhecemos.